

Discursos Sobre a Modernização do Brasil: a Agricultura e o Trabalhador Agrícola na Visão de Monteiro Lobato (1900-1930)

Karine Ananias Carvalho¹ e Davidson de Oliveira Rodrigues²

¹Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Machado, Machado, MG, karine.carvalho2010@hotmail.com ²Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Machado, Machado, MG, davidson.rodrigues@mch.ifsuldeminas.edu.br

Introdução

A pesquisa analisa artigos de Monteiro Lobato que abordam direta ou indiretamente o desenvolvimento rural do Brasil. No contexto da Primeira República, políticos e intelectuais expressaram as preocupações com um país que era essencialmente rural. As riquezas baseavam-se em um modelo agroexportador, sustentadas no latifúndio e na exploração da mão de obra não qualificada. O presente trabalho explora algumas questões já abordadas em dissertação de mestrado sobre as representações de Jeca Tatu na obra de Monteiro Lobato (RODRIGUES, 2007)

Material e Métodos

A fonte de consulta utilizada foi o livro *Problema Vital*, edição de 1950, mas cuja primeira publicação ocorreu em 1919. Trata-se de uma coletânea de artigos no qual o escritor aborda a produtividade do trabalhador como um problema de saúde pública (LOBATO, 1950a).

O procedimento de pesquisa adotado foi o fichamento do texto, com destaque das partes mais relevantes, seguido de análise dos trechos selecionados. Desse modo, procurou-se verificar a opinião de Monteiro Lobato sobre:

1. Trabalhador brasileiro;
2. Educação profissional;

Para um afunilamento da discussão, preferiu-se centrar os estudos nos artigos “Urupês” e “Velha Praga”, localizados em outra coletânea, denominada *Urupês*, em edição de 1950, mas cuja primeira publicação ocorreu em 1918 (LOBATO, 1950b).

Como referência teórica se destaca o conceito de ruralismo pedagógico, que aborda o período no qual elites intelectuais e políticas se preocuparam com o desenvolvimento de técnicas e abordagens de ensino para alfabetizar a população rural (SOUZA, 2005).

Resultados e Discussão

Monteiro Lobato vivenciou um contexto marcado pela crise da Primeira República, período no qual as elites cafeeiras detinham profunda influência nos rumos da política nacional (FAUSTO, 1995). O escritor acreditava que os brasileiros deveriam procurar outro modelo de desenvolvimento, libertando-se da agroexportação.

Em função disso, Monteiro Lobato atribuiu importância ao trabalhador brasileiro, como um agente que deveria contribuir para o crescimento do país, no entanto, em sua avaliação, o homem rural era preguiçoso. Durante a leitura dos textos, verificou-se que a opinião sobre o trabalhador rural apresenta muitas variações, mas pode-se destacar as seguintes características:

- Em alguns textos, Monteiro Lobato considera o trabalhador como uma praga que afeta a agricultura, já que ele seria preguiçoso e incompetente. Os textos “Urupês” e “Velha Praga” são exemplos.
- Em outros escritos, como na coletânea Problema Vital, o trabalhador rural é tido como um doente, alguém que foi esquecido pelo governo e pela saúde pública.

A defesa a qualificação profissional do trabalhador rural se dá em um contexto no qual a sua própria sobrevivência está em risco. As propostas de Monteiro Lobato nem sempre são claras, mas de um modo geral consideram que os trabalhadores devem contar com a assistência do governo e das próprias empresas, de modo que possa conquistar:

- Condições adequadas de moradias, não mais residindo em casas de pau-a-pique.
- Educação básica, com combate ao analfabetismo, mas também orientações profissionais e conhecimentos voltados a seu cotidiano.
- Assistência médica e sanitária, de modo que o trabalhador fosse tratado das doenças que afligiam a população rural.

O desenvolvimento do Brasil estaria portanto atrelado ao “resgate” do camponês, isto é, a recuperação biológica e técnica do trabalhador. Desse modo haveria força de trabalho suficiente e necessária para trabalhar nas indústrias.

De qualquer forma, se formos analisar os três itens levantados acima, veremos que uma visão negativa do trabalhador prevaleceu. Em primeiro lugar se constata uma crítica aos seus costumes. Seus hábitos, sua moradia, seus utensílios e ferramentas não foram contextualizados por Monteiro Lobato, ele analisou o modo de vida do homem do campo com base em critérios de um habitante das cidades, por isso uma depreciação da cultura do

camponês. As próprias propostas de uma qualificação técnica desconsideravam o conhecimento prévio do trabalhador rural.

A educação passa a ser tida dentro da discussão relacionada ao ruralismo pedagógico: como desenvolver uma educação capaz de preparar o homem do campo para o trabalho em um ritmo fabril. Os saberes e as técnicas utilizadas pelo trabalhador rural na obtenção de seu sustento foram desconsideradas.

Por fim, Monteiro Lobato constata que o trabalhador rural era um homem doente, que já não possuía às condições higiênicas adequadas. Ele não o culpa por isso, nesse caso, Lobato considera Jeca Tatu como uma vítima do descaso governamental. No entanto, a salvação do trabalhador novamente ocorreria através da ciência e da educação profissional, pois os remédios e uma instrução de como se evitar o contágio deveriam livrar o homem rural de doenças.

Conclusões

Para Monteiro Lobato, a modernização do Brasil aconteceria somente quando a economia se libertasse da agroexportação, podendo contar com a industrialização e com um trabalhador sadio e eficiente. A proposta de educação profissional de Lobato se insere em um contexto mais amplo de valorização da força de trabalho brasileira. De qualquer forma essa busca de uma regeneração do trabalhador não descartou uma visão negativa daqueles que moravam no campo. É possível notar que Monteiro Lobato tem ideias claras e opinião formada sobre distintos assuntos sociais, principalmente os que dizem respeito ao governo.

Ele, denuncia, por exemplo, o parasitismo humano. Dizendo que o governo atribui trabalhos desnecessários, sem comprometimento, de baixa renda e que isso não gera produtividade nenhuma pro governo. Tanto que diz *“Não há finalidade nos serviços públicos a não ser dar emprego ao maior numero possível de parasitas.”* Fala também sobre propinas, desvios de dinheiro e falsificação de produtos. *“Nada ocorre sem propina!”* diz ele indignado. Não fica de acordo em momento algum com as obras do governo, tanto que apresenta propostas de melhorias.

Ele enxerga a necessidade de mão-de-obra *“Braços! Braços! Há fome de braços. Um país de 25 milhões de habitantes não consegue fornecer braços para a lavoura do café, lavoura que produz menos que uma das grandes empresas açucareiras de Cuba.”* E então associa isso ao descaso governamental, a moléstia e a ignorância.

Ao apresentar a historia do Jeca Tatu, Lobato combina crítica ao governo com denúncia da condição de vida do trabalhador, assim, fica claro a presença de princípios do ruralismo pedagógico. Monteiro Lobato era uma pessoa extremamente crítica. Mesmo

naquela época ele já identificava problemas atuais. Dava importância ao produtor agrícola e ao espaço rural, pois sabia que com o crescimento urbano a necessidade alimentar aumentaria reciprocamente.

Agradecimentos

Ao CNPq e ao NIPE pelo fornecimento de bolsas e auxílio financeiro.

Referências Bibliográficas

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp. 1995.

LOBATO, J.B.M. **Problema Vital**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950a. (1ª ed. Em 1919).

LOBATO, J.B.M. **Urupês**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950b. (1ª ed. Em 1918).

RODRIGUES, D.O. **Jeca Tatu e a urbes maravilhosa. Campo, cidade e modernização na obra de Monteiro Lobato (1900-1930)**. Belo Horizonte: UFMG. 2007. (dissertação em mestrado, História)

SOUZA, C.M. Discursos Intolerantes: o lugar da política na educação rural e a representação do camponês analfabeto. **Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**. Imprensa Oficial. Ed. 03, julho, 2005.